



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE GEOGRAFIA,
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE CURSO DE LICENCIATURA EM
GEOGRAFIA EAD**

QUITÉRIA MARIA DE OLIVEIRA COSTA

**O USO DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS-
ALAGOAS**

Maceió

2019



QUITÉRIA MARIA DE OLIVEIRA COSTA

O USO DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL II EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS-
ALAGOAS

Artigo científico apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia EAD do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof^o MSc Dayvid de Farias Santos

Maceió

2019



O USO DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PALMEIRA DOS ÍNDIOS-ALAGOAS

Quitéria Maria de Oliveira Costa¹
e-mail: quialyvic@yahoo.com.br
Dayvid de Farias Santos²
e-mail: dayvid542@gmail.com

Resumo: O presente artigo é resultado da pesquisa realizada durante o Estágio Supervisionado III do curso de Geografia Licenciatura EaD, da Universidade Federal de Alagoas, realizado em uma escola municipal de Palmeira dos Índios - Alagoas. O objetivo da pesquisa foi fazer uma análise sobre o uso do livro didático de Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental II, a partir de observações feitas durante o estágio que estabeleceu como objetivo geral analisar o uso do livro didático pelo professor de Geografia. O embasamento teórico se deu mediante pesquisa bibliográfica de autores como Albuquerque (2011), Batista (2011), Cavalcante (2012), Costa (2013), Fonseca (2002), Gil (2002), Lajolo (1996), Magalhães (2006), Pina (2009), Santos (2007) e Thiollent (1988). A abordagem utilizada na pesquisa foi de natureza qualitativa. Neste tipo de pesquisa não se comprova numericamente, porém convence na forma de observação empírica, não se preocupando na necessidade de se ter muitos indivíduos, mas em se compreender que o livro didático é importante para o aprendizado. Para a coleta dos dados, foi utilizada a aplicação de um questionário com o intuito de conhecer o livro didático utilizado pelos alunos. O livro de Geografia nas escolas é um instrumento fundamental na elaboração dos planos de aula como também é responsável na expansão de informações a todos os envolvidos no processo escolar. Dos resultados pode-se afirmar que, embora não seja considerado obrigatório, o uso do livro didático nas escolas continua sendo uma das ferramentas mais adotadas por professores.

Palavras-chave: Aprendizagem; Ensino; Livro Didático; Professores.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo apresenta-se resultados da pesquisa realizada durante o Estágio Supervisionado III do curso de Geografia Licenciatura EaD, da Universidade Federal de Alagoas, a respeito do uso do livro didático de Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental II, que apesar das críticas e das fragilidades desse recurso, ainda é o que mais se destaca no auxílio do trabalho docente.

O tema delimita-se sobre o uso do livro didático de Geografia, na turma do 6º ano, em uma escola do município de Palmeira dos Índios - Alagoas. Diante das observações, foi levantado o seguinte questionamento: Qual a relação entre a metodologia do professor e o uso do livro didático de Geografia em sala de aula? O período de investigação do tema ocorreu no

¹ Graduanda do curso de Geografia, na modalidade EaD, pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

² Professor Mestre orientador dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

primeiro semestre do ano de 2018, na escola em que foi realizado o Estágio supervisionado III, estabelecendo como objetivo geral analisar o uso do livro didático no 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola municipal de Palmeira dos Índios. Em se tratando de objetivos específicos: explorar a história do livro didático no Brasil; compreender como ocorre a escolha do livro didático pelo professor; verificar a relação da metodologia utilizada pelo docente com o livro didático.

O livro adotado pela escola, na turma em que foi realizado o estágio, chama-se *Projeto Apoema*, de Marcos Magalhães (Editora do Brasil, 2015). Apesar da presença de novos instrumentos tecnológicos na escola, o livro didático continuava sendo uma das ferramentas mais adotadas pelos professores que lecionavam na referida instituição de ensino.

As hipóteses apresentadas para a realização da pesquisa foram: a metodologia trazida nos livros didáticos não se relaciona com as práticas utilizadas pelos professores; a adoção do livro didático é consenso entre os professores de Geografia.

As indagações e as fontes de dados transcorreram da análise do livro didático de Geografia adotado pela turma, das observações ocorridas em sala de aula e das conversas com a professora regente. O artigo foi estruturado em quatro seções: a primeira, com a história do livro didático no Brasil; a segunda seção, como ocorre a escolha do livro didático pelo professor; já a terceira aborda a relação da metodologia utilizada pelo docente com livro didático em sala e; por último, aquela sobre um olhar crítico sobre o uso do livro didático de Geografia.

Para a coleta dos dados da pesquisa foi utilizado a aplicação de um questionário com o intuito de conhecer o livro didático utilizado por alunos e professores. O questionário foi de perguntas fechadas, sem a necessidade de identificação dos professores. Além disso, foram verificadas as anotações, planos de aula e relatos que vieram impulsionar o entendimento da complexidade acerca da utilização do livro didático em sala de aula.

Foi empregada na metodologia do artigo a pesquisa-ação, pois nesta os sujeitos da pesquisa e o pesquisador estão envolvidos conjuntamente e teve como base estudos de: Albuquerque (2011), Batista (2011), Cavalcante (2012), Costa (2013), Fonseca (2002), Gil (2002), Lajolo (1996), Magalhães (2006), Pina (2009), Santos (2007) e Thiollent (1988).

Para chegar a um determinado resultado, precisa-se ter dados que sejam confiáveis e análise das informações, além do contato direto com as fontes e o espaço em que se desenrola o objeto de estudo. A pesquisa-ação é definida por Thiollent (1988, p. 14) como:

Um tipo de pesquisa social participante, com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

O pesquisador, quando participa do processo, pode refletir sobre o momento em que está atuando, independentemente de outros fatos que possam interferir no resultado da pesquisa. Por sua vez, Fonseca (2002, p. 33) afirma que:

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto.

Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador (FONSECA, 2002).

Muitos autores são críticos desse tipo de pesquisa pelo fato dela fugir do trabalho mais tradicional que levam os pesquisadores chegar à determinada conclusão por outros caminhos, pois acreditam que o pesquisador pode interferir no resultado final. Por mais complicado que possa parecer, a pesquisa-ação por ser mais identificada com o humano que requer muito cuidado para não deixar muitos dados sem conexões e não se tornarem um conjunto de informações sem relação alguma.

Esta pesquisa tem relevância pelo fato do livro ter ainda na escola sua importância no ensino aprendizagem nos últimos tempos. Em decorrência da precariedade que vem sofrendo o sistema educacional, esse instrumento acaba determinando o que ensinar e, em alguns casos, como ensinar, usando para tanto o livro didático disponível.

Apesar das deficiências e das grandes dificuldades sentidas pelos professores, o uso do livro facilita o processo de ensino aprendizagem. Muitas secretarias adotam determinados livros que não facilitam o trabalho do docente, pois divergem do material escolhido pelos profissionais. Alguns deles são difíceis para o aluno, precisando ser adaptados para que as dificuldades sejam dirimidas. É importante destacar que o professor pode usar outros livros

didáticos, inovando assim, sua prática de ensino, para tanto, é cabível ao professor transformar sua metodologia de ensino buscando em outras fontes, instrumentos de interesse dos alunos, a pesquisa, por exemplo, em outros campos de informação, desde que atenda as expectativas dos estudantes, abre um caminho de novas expectativas e aprendizagem. O livro didático é fundamental em sala de aula, no entanto, outros materiais didáticos é uma forma de despertar a busca pelo conhecimento, principalmente nas aulas de Geografia.

2 A HISTÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL

O livro didático é uma ferramenta muito importante no cenário educacional brasileiro, pois ele contribui para o desenvolvimento da pesquisa, da leitura, da compreensão do assunto, da interpretação textual e da aplicação dos conteúdos ministrados na escola, auxiliando tanto alunos quanto professores. De acordo com Borges e Silva (2019, p. 15):

Por vezes o professor atribui ao livro a responsabilidade de fornecer todas as informações necessárias aos alunos, planejando as aulas com base neste material e utilizando-o assim, como um manual didático.

O livro didático é um recurso para o acesso à cultura e o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Em muitas residências brasileiras, o livro é o primeiro material a ser utilizado pelos familiares, é o que abre caminho para o hábito da leitura e do aprendizado. Ao longo de várias décadas, desde quando ele passou a ser produzido em larga escala no Brasil, tal ferramenta passou por grandes transformações, visando acompanhar as novas tecnologias, as novas dinâmicas em sala e contribuir para uma aprendizagem significativa.

Apesar dos avanços tecnológicos, com o surgimento da internet e de outras plataformas digitais, o livro didático ainda é considerado muito influente na prática pedagógica, como afirma Albuquerque e Sampaio (2011, p. 7):

O livro didático em Geografia tem se mostrado ao longo do tempo, mais do que um simples suporte de conteúdo, ele tem sido responsável pela disseminação do saber, independente do tipo de Geografia trabalhada nas escolas, se Tradicional ou Crítica. Assim como em todas as disciplinas escolares, e também na Geografia, o livro didático tem sido utilizado como instrumento de ensino aprendizagem, auxiliando na prática pedagógica em sala de aula, nos planejamentos dos conteúdos a serem ministrados e, como já relatamos também como currículo.

O livro didático faz parte do universo escolar há muito tempo e contribui para a base teórica e reflexiva do estudante, buscando uma melhoria na qualidade do ensino para todos que tem acesso a ele. O professor não deve escolher um livro de forma aleatória. E os

conteúdos devem estar compatíveis para a formação do educando. Magalhães (2006, p. 6) apresentou esclarecimentos sobre a importância do livro:

Fazer a história do manual escolar é indagar da gênese, natureza, simbolização e significação mais profundas do saber e do conhecimento; é indagar da materialidade e da significação do(s) livro (s) como texto, enquanto ordem (suporte e unidade) do saber e do conhecimento; é indagar, ainda, do livro como discurso (configuração, forma/estruturação, especialização, autoria); é por fim, indagar do saber como conhecimento e do conhecimento como informação.

Assim, seguindo as orientações descritas por Magalhães (2006), pode-se dizer que é de grande relevância as suas próprias concepções e estudos sobre o livro, destacando a importância dessa ferramenta utilizada pelos professores na escola. É perceptível todo o esforço na busca de novos horizontes, fugindo do tradicional, inovando na teoria e na prática escolar, experimentando uma nova vivência com a introdução de novos recursos tecnológicos, sem ter receio da novidade.

A utilização de livro didático em sala de aula é antiga, porém esse recurso precisou adequar-se às novas transformações ocorridas nas escolas de todo o país, desde a substituição da Lei das Diretrizes e Bases da Educação - LDB de 1971 pela Lei de nº 9394/96, além do surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs e do Guia Nacional do Livro, como expressa Cavalcante e Silva (2012, p. 15):

O uso do livro didático no começo do século XX era uso exclusivo do professor, porém as questões relativas a quanto às práticas pedagógicas de melhoria de educação da população juvenil só ocorrem no ano de 1996 quando da aprovação da nova LDB em substituição a legislação de 1971. Nelas são adotadas medidas que proporcionam à adequação as novas tendências das tecnologias e a inserção dos deficientes visuais e os surdos mudos, que na realidade tem a produção de material didático apropriado no ano de 2007, com o uso do braile e CD ROM com esse material aliando aos novos meios didáticos.

Com a substituição da legislação antiga, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em resposta às demandas do mercado editorial e das pessoas com necessidade especiais, o livro didático continuou presente em sala de aula. É um instrumento essencial, quando se trata de complementar às atividades pedagógicas. Entretanto, muitos profissionais, acomodam-se, não mudam a sua rotina, não alteram as estratégias de ensino e permanecem trabalhando apenas com o livro, como sendo o único recurso didático existente, como aponta Costa, Paiva, Santos e Sobrinho (2013, p. 4) asseguram que:

É bem verdade que diante da grande extensão territorial do Brasil, o livro didático não tem condições de abraçar a realidade de cada aluno, nesse sentido cabe ao professor relacionar os conteúdos as diferentes realidades e cotidianos dos alunos, tornando assim uma aula que exista diálogo e não apenas a reprodução do que está escrito no livro, sem associação com a realidade vivenciada.

Os profissionais comprometidos com uma educação de qualidade levam o aluno a pesquisar, interpretar e transformar a realidade, associando o conteúdo trabalhado com a história de vida dele, tornando-o cidadão ativo, crítico e reflexivo. Os professores fornecem caminhos para superar o modelo tradicional da memorização dos conteúdos, das provas e do uso constante do livro. Quando o docente demonstra atitudes condizentes com as novas mudanças para a melhoria do ensino, os alunos só têm a ganhar.

As formações dos profissionais da educação têm instigado grandes debates que são do interesse tanto das famílias, quanto dos sistemas de ensino. A qualidade destas formações interfere na qualidade educacional, principalmente, quando se trata da escolha dos livros e de outras práticas educacionais. Muitas vezes, não se dá a ênfase necessária ao conteúdo em relação a realidade do educando.

A escolha do livro, a frágil formação do professor ou o conteúdo desconectado a realidade são entraves do processo ensino-aprendizagem. Com o passar dos anos, a tradição do livro didático nas escolas brasileiras continua muito forte. Muitas vezes, está baseada no saudosismo passado de geração para geração, como afirma Silva (1996, p. 8):

O livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustenta essa tradição o olhar saudosista dos pais, a organização escolar como um todo, o *marketing* das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor apresenta-o com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis.

Aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender às liturgias dos livros, dentre as quais se destaca aquela do livro “didático”: comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar ao ritmo do professor, fazer as lições, chegar à metade ou aos três quartos dos conteúdos ali inscritos e dizer amém, pois é assim mesmo que se aprende (SILVA, 1996).

Para o professor é fundamental na ampliação do conhecimento no espaço educacional, muitos profissionais utilizam o livro didático para desenvolver o processo de ensino aprendizagem, levando em consideração o que o aluno já sabe e sem abrir mão do leque de novas informações que surgirão na interação entre professor e aluno, abrangendo desde a realidade local do aluno até os lugares mais longínquos. Com efeito, o livro deve ser utilizado como um instrumento importante no desenvolvimento dos conteúdos, buscando novos entendimentos sobre o que consta nas páginas do material em constante interação com

contexto social dos sujeitos. Os bons livros são partes fundamentais na qualidade do ensino, indispensáveis na construção do conhecimento. Assim, Lajolo (1996, p. 6) aponta:

Nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações. Como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores, e é em função da liderança que tem na utilização coletiva do livro didático que o professor precisa preparar com cuidado os modos de utilização dele, isto é, as atividades escolares através das quais um livro didático vai se fazer presente no curso em que foi adotado.

O livro didático há muito tempo, esteve ligado às famílias com recursos financeiros. Como enfatiza Batista (2011, p. 13):

A família tem como referência de “bom ensino” a prática de exercícios exaustivos, fato que pressiona o professor a ensinar em conformidade com o LD, devendo obedecer à disposição dos conteúdos dentro do livro. A família cobra que se façam todos os exercícios propostos no livro. E o professor, devido à frágil formação acadêmica, vê o LD como verdade absoluta e praticamente não utiliza de outros elementos para enriquecer o aprendizado na sala de aula. E quando ele consegue romper as barreiras do livro didático, buscando outros suportes para o ensino aprendizagem, enfrenta resistência, inclusive dos alunos que muitas vezes não entendem o seu método de ensino e solicitam o uso do livro didático.

As atividades do livro são importantes para que possam ser respondidas em sala ou até mesmo em casa. O professor tem a iniciativa de reduzir a distância entre o que consta no livro com o cotidiano do educando, tendo em vista que as contradições na sociedade são enormes e que as carências na área educacional não são poucas, como afirma Batista (2011, p. 13):

O governo brasileiro, mesmo diante das carências generalizadas na sociedade e mesmo nas escolas especificamente, dispensa muito dinheiro para adquirir os livros didáticos, como se estes por si só resolvessem os problemas referentes à Educação. O governo é incentivado por organismos internacionais, como o Banco Mundial a investir em livros didáticos devido à formação precária do professor. O investimento em livro didático faz com que o governo brasileiro seja o maior comprador deste tipo de material no mundo, porém a produção do livro didático não descarta mudanças estruturais na educação, como a valorização da carreira de professor e abertura de bibliotecas para incentivar a leitura e a pesquisa.

Percebe-se, ao longo do tempo, que o livro didático tornou-se um dos grandes símbolos da cultura escolar, a tal ponto do país ser o maior comprador mundial desse tipo de material. Independente do governo, a política do Programa Nacional do Livro Didático continua a mesma, através da distribuição de livros para as escolas públicas, como afirma Pina (2009, p. 92):

Estudando a história do livro didático, percebe-se que este recurso esteve presente em praticamente todo o processo de institucionalização do sistema educacional no Brasil, servindo de fonte de conhecimento tanto para professores quanto alunos e direcionando o que se devia ser estudado nas escolas e a metodologia utilizada para aplicação dos conteúdos. Nesse percurso o livro didático tornou-se uma das maiores tradições da cultura escolar brasileira.

Os livros, como sendo os materiais mais utilizados em sala de aula, não estão livres de possíveis problemas para determinados conteúdos, já que cada sala de aula apresenta uma realidade diferente. Não sendo coerente, então, aplicar a mesma prática pedagógica para todas as turmas de uma escola. A falta de motivação, por diversos fatores, leva muitos profissionais a não querer sair da sua zona de conforto, a não investir em aulas criativas, já que essas aulas exigem pesquisas e preparação que tomam muito do tempo dos docentes. Conforme apontam Costa, Paiva Santos e Sobrinho (2013, p. 4):

É importante também salientar que nem a palavra do professor, nem a proposta do livro didático, estão livres de falhas, mais uma vez se faz necessário o diálogo e assim se possam formular novos conceitos que venham contribuir para o processo ensino aprendizagem. No entanto é bem verdade que uma parte significativa de professores, muitas vezes despreparados, ou até desmotivados, seja por uma carga horária excessiva, ou pela falta de reconhecimento do seu grande papel transformador na sociedade, acabam utilizando o livro didático de maneira errônea, sendo o mesmo, como única ferramenta metodologia em suas aulas.

O livro tornou-se uma ferramenta eficiente na sala de aula, quando usado de maneira crítica, de forma adequada a realidade em que o aluno está inserido. O livro é usado pelo docente para transmitir informações ou para reforçar um determinado conteúdo, podendo também fazer adaptações significativas ao livro, conforme a realidade do estudante, o que permite a obtenção de resultados positivos para o processo de ensino-aprendizagem. Para Santos (2007, p. 44):

Ao se defender a existência de uma escola comprometida com a tarefa de promover as experiências necessárias para que o aluno, ao longo da escolaridade, se desenvolva e tenha autonomia crescente, imagina-se uma escola que trate de maneira significativa os conhecimentos acumulados e a construção de novos conhecimentos. No cumprimento dessa função, os livros escolares têm desempenhado, ao longo do tempo, um papel de mediação que vêm contribuindo, de diferentes formas, para a definição dos conhecimentos relevantes a serem transmitidos às novas gerações, bem como têm indicado formas de ensinar tais conhecimentos.

O professor deve selecionar os conteúdos que se adéquem ao cotidiano do estudante, tornando o espaço escolar um ambiente de interação entre o que se ensina e a sociedade. O livro é diferente de qualquer outro recurso, pois nele encontra-se acomodado a teoria e a prática que deve promover no aluno uma reflexão crítica. Segundo Albuquerque e Sampaio (2011, p. 6),

Uma das características fundamentais do livro didático entre tantas outras, e o que o difere de outros tipos de livros, é o seu uso associado diretamente ao espaço escolar. Como instrumento pedagógico, se torna uma ferramenta do processo ensino-aprendizagem, subsidiando a prática do professor.

Com efeito, o uso do livro didático permanece presente no sistema educacional, na metodologia em sala de aula e nos avanços tecnológicos. Ele está presente no sistema educacional brasileiro desde o final do século XIX. E quando se precisa fazer uma pesquisa, ele está por perto numa estante, sempre à disposição do leitor.

A prática didática do professor é fundamental para a produção de um plano de aula, contribuindo de várias formas para dirimir as dúvidas dos alunos e avançar no nível de aprendizagem através do uso do livro didático, formulando novos conceitos que despertam o gosto pela leitura, sentir mais próximo da Geografia viva e ativa, que realmente faz a diferença no aprendizado do aluno.

3 A ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO PELO PROFESSOR: reflexão sobre os critérios utilizados

Com a pesquisa, compreendeu-se como ocorreu a escolha do livro por parte dos professores de uma escola. Além de saber como foram às perspectivas envolvidas nos critérios de escolha, se foi levado em consideração o Guia do livro didático, o Projeto Político Pedagógico da Escola, e as Diretrizes Curriculares ou outras razões que levaram o profissional a seguir determinado segmento.

O processo de escolha do livro didático na escola em que foi realizado o estágio supervisionado III aconteceu durante uma reunião de professores, com a troca de informações sobre os livros que chegaram a escola, para depois tomarem a decisão sobre a melhor obra a ser adotada. Alguns seguiram a orientação do Guia do Livro Didático para a escolha do material. A coordenação pedagógica indicou títulos que já foram trabalhados em anos anteriores para os professores efetivarem a adoção do material pedagógico.

No entanto, no final do processo, o livro didático de Geografia adotado pela escola não foi o escolhido pelos professores nem pela Coordenação Escolar, foi aquele escolhido pela equipe da Secretaria municipal de Educação. Assim, muitos professores não seguem a totalidade dos conteúdos previstos do livro. Como afirma Santos (2007, p. 105):

O que se evidencia é uma desarticulação que ocorre entre o tempo para a escolha do PNLD e o tempo da escola. Ao se estabelecer com rigor uma programação de uma política pública, para o processo de escolha do LD, que envolve diretamente o professor e indiretamente os alunos e a comunidade, o Ministério da Educação poderia propor no calendário anual das escolas as reuniões de análise e escolha dos livros do PNLD.

No cenário atual, o livro didático apresenta vários recursos que ajudam no momento da seleção do material, como ilustrações, textos e exercícios. Considera-se também, o tipo de linguagem empregada como também os recursos gráficos utilizados. Muitas vezes, o material não está condizente com o exposto no Projeto Político Pedagógico ou no plano de curso da disciplina. Segundo Vidal (2016, p. 50):

Para que o processo de escolha dos livros didáticos tenha maior participação dos professores, recomenda-se que a direção escolar e a equipe pedagógica formalizem as discussões sobre essa escolha; por exemplo, realizando convocação de todos os professores para que participem das reuniões, eleja um professor coordenador por disciplina, elenque critérios para a seleção das obras, utilize documentos para subsidiar as discussões, tais como o Guia dos Livros Didáticos, o Projeto Político Pedagógico da escola, as Diretrizes Curriculares.

Os professores são os mais interessados na aquisição de um material de ótima qualidade em razão de ser um instrumento que faz parte da cultura escolar e que contribui de maneira significativa para uma educação de qualidade. Para facilitar a aprendizagem dos alunos, além do uso do livro em sala, muitos professores utilizam outros materiais de apoio, como, mapas, computadores, lousa, cadernos, etc. Muitos professores afirmam que a escolha do material didático deve ser um evento muito especial para a escola, pois trata-se de uma autonomia do docente. Para Borges e Silva (2019, p. 5):

À escola e aos livros cabem o trabalho crítico em cima das informações adquiridas em outros contextos formativos para a desconstrução de tendências discriminatórias presentes ou não nestas informações. É neste sentido que avaliar as informações trazidas pelos livros didáticos subsidia o aluno e o professor na construção de sua cidadania.

Cada vez mais surgem novos desafios a ser vivenciada, sem perder de vista a busca pela qualidade do ensino. Com o advento da tecnologia, surgem novas tendências no ensino, para que assim novos critérios da avaliação das informações sejam postos em prática, assegurando a autonomia do profissional em sala de aula na realização do planejamento das aulas. É o que relata Azevedo e Sampaio (2015, p. 55):

Para que o professor consiga promover o papel fundamental da didática, é necessário que a qualidade das condições de trabalho vivenciadas pelo profissional docente seja assegurada. Ainda é comum encontramos alguns professores que têm a sua autonomia e desempenho limitados pelos desafios presentes na prática pedagógica. Dentre estes desafios podemos citar as condições precárias de muitas escolas, salas de aula lotadas e baixos salários pagos aos professores.

Apesar dos grandes desafios enfrentados na educação brasileira que prejudicam a adoção de novas tecnologias no ensino, o professor ainda exerce papel importantíssimo na

obtenção da qualidade de trabalho para todos os docentes. E assim, enfrentar da melhor maneira possível a falta de recursos pedagógicos de muitas escolas brasileiras, promovendo a aquisição de material didático de qualidade para todos. É muito importante o professor conhecer a realidade do aluno e a partir daí buscar a ampliação de uma aprendizagem significativa para todos os envolvidos.

O livro didático constitui-se num instrumento auxiliar da prática docente e, que quando utilizado de forma correta pode contribuir para a melhora da aprendizagem, ampliação e renovação do processo educativo. O professor que conhece a realidade do aluno deverá saber quais são as atividades previstas no planejamento, conforme a importância para sua vida.

O livro desperta o interesse de muitos profissionais dentro e fora do ambiente escolar. E que é de suma importância considerar que o professor se sinta seguro quando tem, em mãos, um material didático que ele realmente conhece e que considera fundamental para a obtenção dos resultados esperados no processo de ensino e aprendizagem.

4 A RELAÇÃO DA METODOLOGIA UTILIZADA PELO DOCENTE COM LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA

Na etapa do Estágio Supervisionado, pode-se observar que a professora regente dominava bem os conteúdos. Na maioria das vezes, ela seguia as orientações do livro didático, como também usava outros recursos didáticos, como *slides*, cartazes, lousa, atividades xerocadas, etc. Quando um aluno solicitava sua ajuda, ela fazia o acompanhamento individual. Dentre os conteúdos programados para o ano letivo, destacavam-se Paisagem e lugar; Coordenadas geográficas; Biosfera; O relevo terrestre; Problemas ambientais; As águas do planeta; As formações vegetais e alterações humanas.

Os mencionados conteúdos estavam inseridos dentro do cronograma definido pela equipe pedagógica e professores, ou seja, as aulas seriam de acordo o programa definido, cabendo ao professor de Geografia determinar sua metodologia de ensino, cabendo-lhe a inovação e recursos para que os estudantes alcançassem o conhecimento.

É importante salientar que o livro didático disponíveis em muitas escolas públicas, principalmente, vem de uma soma de anos onde os conteúdos não mudam, sempre a cada ano é reaproveitado os livros dos anos anteriores, pois, de um lado a escolha pela própria escola que não tem muitas alternativas de solicitar materiais didáticos com conteúdos práticos e

objetivos, e do outro a maneira como facilita a vida do professor, ou seja, se já trabalhou os conteúdos no ano letivo anterior, repetir a mesma metodologia é uma prática que traz aos estudantes desinteresse pelas aulas. Por isso, a equipe destinada a discutir dentro de um ambiente escolar público o livro didático, deve ter autonomia para escolher livros que sejam viáveis a bom aproveitamento dos estudantes. Isso significa afirmar, que os livros didáticos disponíveis na escola devem ser base de pesquisa e outros determinantes, no entanto, lidar com novos conteúdos é uma maneira de trazer para o ambiente de sala de aula novidades e novos aprendizados.

Nas primeiras aulas observadas, a professora apresentou o assunto Paisagem Natural e Modificada. Os alunos foram incentivados a acompanhar através de *slides* diversas paisagens naturais e modificada. Depois, eles descreveram o que viram e identificaram a ação humana provocada na paisagem. Logo em seguida, foi iniciada uma atividade xerocada do livro, já que muitos alunos não possuem o livro didático.

Um dos maiores problemas observados no momento da pesquisa é a quantidade de livros didáticos disponíveis na escola, onde não atende ao número de alunos que necessitam desse material para acompanhar as aulas e os conteúdos transmitidos pelo professor. Assegura-se que é injustificável uma escola pública não possuir livros, materiais didáticos, fonte de pesquisa dentre outros. São maneiras de elevar a autoestima dos estudantes e ao mesmo tempo desperta-os a pesquisar.

Em outro dia, os alunos formaram duplas para que fosse introduzido o tema Ação humana e as Mudanças na paisagem. Foi feita uma leitura por parte da professora e os alunos foram orientados a produzir um cartaz para trazê-lo na próxima aula. Eles deveriam expor suas ideias a respeito das mudanças ocorridas ao longo do tempo com a paisagem da cidade.

Esse momento de se pode denominar como momento de reflexão, ou seja, pautado naquilo que vivenciaram, os estudantes tinha a oportunidade de expor suas ideias e seu ponto de vista crítico reflexivo.

Na semana seguinte, foi utilizado material de sucata para a conclusão da aula sobre A leitura das paisagens. O objetivo dessa aula era medir o conhecimento dos alunos em relação a classificação dos materiais recicláveis, como vidro, papel, metal e plástico. A partir dessa experiência, possibilitou-se aliar a teoria à prática, com um maior aprendizado e melhor reflexão a respeito das mudanças ocorridas nas paisagens da cidade.

O uso correto do livro didático proporciona um clima propício para que toda a equipe da escola possa interagir positivamente com o objetivo de tornar os alunos cidadãos críticos e

conscientes, dando oportunidade para uma aprendizagem que incentive a participação ativa do estudante na vida escolar e no protagonismo de uma sociedade com direitos e deveres iguais para todos. Partindo de um estudo reflexivo a partir dos conteúdos do livro didático, os estudantes apresentaram por escrito suas convicções quanto ao assunto que estavam estudando.

O importante é que o professor use o livro como um suporte no processo ensino-aprendizagem. Na escola, poucas vezes o livro didático foi substituído por pesquisas em outros tipos de livros ou até pela internet. Como já se sabe o livro não deve ser o único material didático utilizado em sala de aula, sendo possível a complementação desse instrumento através de filmes, mapas, jornais, revistas, dentre outros recursos. No entanto, Santos (2007, p. 79) explica que para:

Entender melhor os saberes escolares é preciso considerar a cultura da escola, que permite entender o que se passa nos processos observados no interior das escolas, trazendo evidências de como esses processos são construídos nas relações mais amplas e como as suas diversas dimensões se entrecruzam. Dessa forma, mesmo existindo um currículo de referência, produto de processos de construção social, cada escola estabelece a sua proposta curricular e define os conteúdos mais significativos para o trabalho com a sua comunidade, em processos de seleção e transposição que hoje são importantes objetos de estudo no campo educacional, mas ainda pouco conhecidos em sua complexidade.

O livro adotado pela instituição tem vários aspectos que são considerados positivos para metodologia que o profissional possa utilizar em sala. O livro adotado nas turmas do 6º ano foi o *Projeto Apoema*, de Marcos Magalhães, (Editora Brasil em 2015), valorizando a construção do conhecimento sobre a Geografia. As relações entre sociedade e natureza, apresentando situações adequadas para que o aluno desenvolva a capacidade de ler, compreender e representar o mundo em que vive.

Em alguns casos, apesar dos alunos gostarem do uso do livro, muitos deles não compreendiam as questões ou não respondiam com clareza as atividades propostas no material pedagógico. Muitos dos professores se apresentavam com um discurso novo e que são flexíveis às mudanças no sistema educacional. Entretanto, se mostravam adeptos de uma metodologia tradicional, sem muito esforço em alterar a qualidade do ensino-aprendizagem em Geografia nem se preocupavam em participar das formações contínuas. Conforme afirma Costa, Paiva Santos e Sobrinho (2013, p. 76):

O papel do professor é também saber encontrar a melhor forma a ser trabalhado o conteúdo de modo que venha chamar atenção do aluno para uma melhor compreensão. O professor cooperador teve essa consciência e buscou uma nova forma de instigar o aluno para que o mesmo tivesse o interesse de elaborar o trabalho solicitado.

É muito importante que o professor procure novas metodologias, apesar das deficiências atreladas ao sistema educacional do Brasil. O livro na sala de aula deve ser utilizado de forma coerente e crítica, servindo de base para um processo de ensino que leve o aluno a permanecer interessado pelas aulas através do uso de recursos audiovisuais modernos, unindo teoria e prática, tendo em vista que cada sala apresenta uma realidade diferente.

Os surgimentos de novos instrumentos que auxiliam os profissionais na prática pedagógica fundamentam inovações no processo educativo na aquisição de conhecimento com o conteúdo trabalhado. O livro facilita o entendimento dos conteúdos abordados em sala, auxiliando os estudantes na formação de cidadãos conscientes, ativos e reflexivos sobre a realidade em que estão inseridos. Como apresenta Azevedo e Sampaio (2015, p. 60):

O fato de determinados conteúdos não serem abordados nos livros didáticos não significa que essas temáticas não possam ser trabalhadas e discutidas durante a aula. Desse modo surge a importância da utilização de mapas, filmes, documentários, cartilhas, maquetes, dentre outros recursos didáticos que o professor considere relevante e que estejam em consonância com os objetivos estabelecidos para a aula e também com a realidade socioeconômica da escola

O livro didático continua sendo um instrumento muito importante na maioria das escolas brasileiras. Com isso, é necessário compreender que o docente tem a função de intermediar o que deve ser ensinado em sala de aula. E que há muitas informações em outros meios de comunicação, como televisão, rádio, revistas, jornais, internet, mas o livro continua sendo mais do que um material de apoio, na propagação do saber, do conhecimento, das informações, em muitos casos como o único suporte. Segundo Martins e Santos (2011, p. 30):

Ao educador fica expressa a necessidade de estar sempre em busca da qualificação profissional, para que se possa compreender as inovações metodológicas e teóricas que estão presentes em um livro didático. Essa questão aponta para a necessidade das forças governamentais de se investir mais na formação da docência, assim como na produção, melhoria e implantação de outros recursos didáticos para que as orientações e diretrizes curriculares nacionais, possam ser concretizadas.

Assim, qual a relação entre a metodologia do professor e o uso do livro didático de Geografia em sala de aula? Para tanto, é necessário repensar sobre como essa ferramenta tem sido utilizada na sala de aula, no trabalho do professor e na autonomia dos alunos. Dessa forma, o objetivo da pesquisa é analisar o ensino de Geografia e o uso do livro didático no 6º ano do Ensino Fundamental II numa escola da rede municipal, situada em Palmeira dos Índios/AL. A pesquisa foi realizada no primeiro semestre letivo do ano de 2018. O uso do

questionário é muito adotado pelos pesquisadores, pelo fato de permitir ao entrevistado ficar mais à vontade, para que as informações colhidas sejam as mais adequadas com a realidade do objeto pesquisado. Para Gil (2002, p. 146):

Diversas técnicas são adotadas para a coleta de dados na pesquisa-ação. A mais usual é a entrevista aplicada coletiva ou individualmente. Também se utiliza o questionário, sobretudo quando o universo a ser pesquisado é constituído por grande número de elementos. Outras técnicas aplicáveis são: a observação participante, a história de vida, a análise de conteúdo e o sociodrama. Esta última mostra-se bastante adequada para a investigação de situações marcadas por relações de desigualdade: patrão/empregado, professor/aluno, homem/mulher.

O instrumento de coleta de dados trabalhado foi composto por treze questões fechadas e foram respondidas pelos professores, com respostas diretas (sim ou não), para saber como era a interação dos professores e alunos com o livro didático. Com base nas informações colhidas sobre os materiais didáticos, foi diagnosticado como os livros foram escolhidos, se foi os mesmos recebidos pela escola, além de identificar os pontos positivos e negativos da obra.

Os questionários foram respondidos na escola, nos horários de cada professor, com marcação antecedente do dia de cada um, para que o entrevistado se sentisse confortável em seu ambiente de trabalho, cujo objetivo principal era que as respostas fossem as mais esclarecedoras possíveis, principalmente nas condições adversas existentes no âmbito escolar, tendo em vista que muitos alunos não gostavam de escrever.

A pesquisa permitiu aos professores se expressarem de forma eficiente sobre a percepção de que o docente tem a respeito do livro didático. Dentre as questões respondidas, pode-se ressaltar que apesar da grande importância do livro em sala, alguns professores não utilizavam somente tal recurso para ministrar suas aulas; que 80% dos docentes possuíam curso de pós-graduação; que a maioria dos discentes gostava de utilizar o livro como também usar a biblioteca da escola para as pesquisas solicitadas pelo professor de Geografia e; todos docentes puderam afirmar que não enfrentavam dificuldades para ministrar aulas sobre os conteúdos do livro.

Partindo do que se vivenciou durante o período de pesquisa, foi possível verificar que os estudantes absolviam os conteúdos apresentados, no entanto, se verificou também que a ausência de aula de campo se fazia necessário, pelo fato de não se tornar as aulas monótonas, já que aula de campo é um momento de interação, observação e fundamental para que os participantes possam perceber outras paisagens e desenvolver melhor seu raciocínio.

5 UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O USO DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA: resultados e discussões

O livro didático é uma importante referência para muitos docentes no processo ensino-aprendizagem como também na sua capacidade para transmitir informações e estimular a participação dos alunos em novas experiências dentro e fora da escola. O livro didático é tão consagrado na escola que, às vezes, produz debates diversos sobre a sua utilização em relação a suas singularidades, ideologias, público alvo e outras.

Durante a pesquisa, foram feitas observações para saber a frequência com que os livros didáticos eram usados pelos professores nas aulas como também se houve a introdução de outros tipos de recursos didáticos nas aulas. Ao analisar este contexto foi possível verificar que pouco se usa materiais didáticos diversos, apenas atividades xerocadas que não apresenta muito interesse por parte dos estudantes, já que são perguntas abertas sem muita ênfase a criatividade, ou seja, perguntas e resposta pode não atender as necessidades dos estudantes, principalmente para aqueles que se identifica bastante com a disciplina de Geografia.

Muitas vezes, o livro didático aparece como único recurso na prática escolar, o que torna as aulas a ficarem desgastantes e sem expectativa de melhoria da qualidade do ensino. Uma grande perda de tempo, tendo em vista o dinamismo com o aparecimento de novas tecnologias no ambiente escolar. Usar o livro didático como único recurso e se valer dos conteúdos explicitado já não interessante para o momento atual.

Atualmente os estudantes, necessitam ser estimulados a conhecer a Geografia a partir de metodologias inovadoras, mas levando em consideração a decadência das escolas, como por exemplo, fonte de pesquisa atual é fundamental que o professor seja um pesquisador, que busque outras fontes para levar a sala de aula. Faz-se necessário que o professor direcione um olhar social e de acordo a realidade dos alunos, já que a disciplina de Geografia possui um amplo leque de informações que vão além do livro didático.

O professor não é um mero transmissor de informações, ele é uma peça chave na transformação da educação, portanto, não se deve levar em consideração apenas o que vem delimitado no livro didático adotado. O livro é um suporte pedagógico que busca auxiliar as práticas de ensino e superar as limitações e desafios em sala, sendo preciso traçar caminhos autônomos na relação entre professor, livro e aluno. Conforme afirma Santos (2007, p. 118):

O professor não é apenas um reproduzidor de conhecimentos, mas, que em sua ação cotidiana produz o conhecimento escolar, e que o livro didático é um dos recursos de ensino mais presentes cotidianamente na sala de aula e constitui um dos elementos básicos da organização do trabalho docente, como se acredita ter apontado nesta pesquisa, é possível justificar a relevância das escolhas feitas por esses sujeitos.

Para a realização da pesquisa, sete professores de Geografia da escola se propuseram a responder o questionário. Alguns dados eram relevantes para a pesquisa, como a que apresenta que 71% dos profissionais fazem uso da biblioteca ou sala de leitura da escola. Enquanto 29% não realizam essa atividade.

Quanto ao uso do livro didático em sala de aula, todos os professores (100%) pesquisados revelaram utilizar essa ferramenta pedagógica. Alguns deles trabalhavam em todas as aulas com esse instrumento. Verificou-se assim, toda a valorização do livro didático nos depoimentos dos professores em relação às vantagens no uso dele:

“O livro é um instrumento orientador e muito importante tanto para professor quanto para o aluno”. (Professor A).

“Ele é responsável pela organização dos conteúdos, sistematização dos saberes de acordo com os PCN’s”. (Professor B).

“Muito importante o uso do livro em sala de aula. Ajuda muito o trabalho com os alunos no dia a dia”. (Professor C).

“O livro é muito importante, através dele tanto o professor quanto o aluno pode usar como meio de pesquisa”. (Professor D).

O livro ainda é considerado o principal instrumento pedagógico utilizado por professores e alunos. Em torno de 29% dos professores não utilizam apenas o livro didático em sala. No entanto, para outros 71% dos profissionais ele é o único recurso. Em relação às desvantagens do material, afirmaram:

“Não vejo nenhuma desvantagem, ele só acrescenta no momento de transmitir conhecimento”. (Professor A).

“Questões às vezes descontextualizada”. (Professor B).

“Não vejo desvantagens”. (Professor C).

“O livro nem sempre traz questões que corresponde com a expectativa que esperamos”. (Professor D).

Na escola brasileira, o livro didático tornou-se um suporte de essencial importância que ampliou as transformações na formação de um cidadão crítico e autônomo. As análises dos dados e das informações coletadas confirmaram a relevância do livro didático para os docentes em atuação na educação. Mesmo em situação de dificuldades, os resultados

constituíram a consolidação das boas práticas pedagógicas em sala. Muitos alunos gostavam do livro didático porque não precisavam estar escrevendo na sala, evitando assim, cópias no caderno, devido a isso eles aproveitavam mais a aula e prestavam mais atenção às explicações do professor.

A utilização do livro didático tem se tornado cada vez mais importante ao longo do tempo, ajudando a os profissionais na prática pedagógica ao planejar os conteúdos que visam à formação de gerações conscientes de seus direitos e deveres.

Grande parte dos professores da instituição em que foi realizado o estágio, da disciplina de Geografia, já possuía pós-graduação, ou seja, possui a especialização de acordo a disciplina que leciona. Muitos deles costumavam participar todos os meses de formações contínuas fornecidas pela equipe de profissionais da Secretaria Municipal de Educação do município de Palmeira dos Índios – Alagoas.



Imagem 1: Livro didático
Fonte: Acervo pessoal (2018).

Como se sabe, o livro didático utilizado pelo 6º ano faz parte da coleção *Projeto Apoema*, da Editora Brasil, de Cláudia Magalhães *et al* (2015). Essa coleção apresentava uma

estrutura que levava o aluno a conhecer o espaço geográfico em que estava inserido. Além disso, tinha uma proposta que buscava o desenvolvimento do estudante quanto à formação cidadã ativa consciente e reflexiva, considerando seus direitos e deveres perante a sociedade. Os conteúdos estavam propostos por unidades e por capítulos:

Quadro 1 - Unidades propostas no livro didático de Geografia - *Projeto Apoema*

Unidades	6º ano
1ª	Paisagens
2ª	Localização e representação do espaço
3ª	Biosfera: litosfera e hidrosfera
4ª	Biosfera: atmosfera e formações vegetais

Fonte: Elaborado a partir da análise da autora (2018).

O livro faz parte da cultura escolar. Assim, o aluno deve ser incentivado a ler e a criar um hábito de leitura dentro e fora da escola. Ele é uma importante fonte de conhecimento e que todas as escolas devem ter uma biblioteca ou uma sala de leitura para que essa paixão pelas letras seja cada vez mais desenvolvida.

O livro favorece o entendimento do assunto para o aluno com a utilização das leituras complementares, uso de exercícios, mapas e globos terrestres, ilustrações, com o apoio de pesquisas na internet, além de outros instrumentos didáticos.

Quadro 2 - Capítulos propostos no livro didático de Geografia - *Projeto Apoema*

Capítulos	6º ano
1	Paisagem e lugar
2	Observação da paisagem
3	A ação humana e as mudanças na paisagem
4	Ação humana e desenvolvimento sustentável
5	Natureza e mudança
6	Orientação
7	Localização: coordenadas geográficas
8	Mapeando o espaço
9	Lendo as representações cartográficas
10	A biosfera

11	O relevo terrestre
12	As águas do planeta
13	As dinâmicas atmosféricas
14	Problemas ambientais atmosféricos
15	As formações vegetais e as alterações humanas

Fonte: Elaborado a partir da análise da autora, 2018.

O volume observado do livro *Projeto Apoema* é dividido em unidades que abordam temas diversos bem amplos e que também são divididos em questões mais específicas, os capítulos. Na primeira unidade, tem-se a apresentação das paisagens naturais e modificadas, fazendo referências ao conhecimento da história das paisagens, plano das paisagens, ação humana.

Na segunda unidade, o livro traz a apresentação da localização e representação do espaço, com sua orientação, coordenadas geográficas, diferentes mapas, passando pelo mapeamento do espaço. O autor aborda na terceira unidade, a biosfera, mostrando as águas do planeta, os agentes construtores do relevo, os agentes externos da transformação. Na quarta unidade, tem-se a atmosfera e formações vegetais, que alerta para os problemas ambientais atmosféricos, fatores determinantes de variação, apresentando um paralelo nas formações vegetais e as alterações humanas.

A dependência do professor em sala de aula em relação ao uso do livro didático ainda continua muito grande. Muitas vezes, até se entende toda essa necessidade pela ferramenta, em virtude da extensa carga horária, defasagem salarial, salas superlotadas, aulas com metodologias tradicionais, tratando-se de uma realidade comum em muitas escolas brasileiras, que leva a precarização do ensino.

O livro apesar de ser muito utilizado pelos professores nas escolas brasileiras, não pode ser visto como único recurso didático para a aprendizagem, tem-se que desenvolver materiais complementares que auxiliarão o professor nos conteúdos abordados em sala e na contextualização à realidade do aluno.

Muitos professores reconheceram a importância do livro em sala de aula. Outros buscaram alternativas para a transmissão das informações dentro e fora da escola. Alguns assuntos tratados nos livros estão fora da realidade da escola, descontextualizados. A falta de livros para todos os alunos é um dos empecilhos para um desempenho melhor das turmas durante o ano letivo. A pesquisa mostrou que o livro didático tem uma tradição na escola

brasileira. Esse suporte pedagógico, que possui inúmeras particularidades, continua a ser utilizado em sala em meio a computadores, smartphones, mapa, revistas, televisão. O professor tem a responsabilidade de apresentá-lo como fonte de pesquisa. O conteúdo deve ser aproximado da realidade do aluno, e que este tem que absorver as informações nele contidas para melhor interpretar o espaço geográfico.

O professor que adota um determinado livro didático tem que ter o máximo de cuidado na formação de cidadãos críticos da realidade social. A função social da escola é procurar formar pessoas que compreendam o seu papel na sociedade, que exerçam um papel fundamental na facilitação do conhecimento do aluno. O livro didático continua sendo um material valorizado e necessário para o ensino e aprendizagem.

Verificou-se a grande importância da escolha do livro didático na sua aplicabilidade em sala de aula e não como uma simples ferramenta de reprodução de conteúdos. Ele também contempla a aprendizagem dos alunos, sendo necessária a análise da linguagem utilizada pelo material para o bom aproveitamento das turmas, e que esse material adotado esteja mais próximo da realidade dos jovens.

Partindo do pressuposto de que a partir das observações realizadas no período em que se fez necessário, isto é, durante o período de estágio em uma escola pública, foi possível entender que o uso do livro didático é utilizado no cotidiano da mencionada escola pesquisada é uma prática constante. De forma geral, os professores e especialmente o da disciplina de Geografia, utiliza bastante os conteúdos do livro didático e a atividades xerocadas.

A discussão, em síntese, explícita que os estudantes não apresentaram muito interesse nos assuntos abordados, mesmo o professor regente dominar os conteúdos, e possuir formação específica e pós-graduação, não consegue realizar um trabalho inovador. A metodologia observada requer melhorias, mudar a visão de que os conteúdos do livro didático é a única fonte de informações.

A disciplina de Geografia possui bastantes informações, mesmo atendendo ao que determina o cotidiano da escola, mas requer que as aulas sejam mais emotivas, que os estudantes tenham a oportunidade de argumentar, realizar projetos dentro do assunto abordado, enfim existem inúmeras maneiras de inovar a prática profissional e não se limitar apenas ao livro didático selecionado pela escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é o ambiente ideal para o desenvolvimento das habilidades individuais de cada aluno. Para que isso ocorra, é necessário que haja o currículo oficial, aquele que é expresso pelo sistema de ensino, estabelecendo as diretrizes curriculares previstas em lei federal. Pode-se perceber a importância do livro didático para os professores em sala, apesar de divergências impostas pelo sistema ou até mesmo por mudanças ocorridas na educação brasileira.

O professor deve levar em conta a vivência do aluno, facilitando o que foi planejado anualmente com o uso do livro didático para que o estudante avance na aprendizagem, adequando o que está contido no material ao contexto social do qual o sujeito está inserido. Apesar da existência de outros instrumentos, como revistas, mapas, internet, textos, jornais, etc. Muitos profissionais adaptam as atividades propostas pelo livro com a realidade local. Outros profissionais selecionam trechos de textos e mesclam com assuntos relacionados ao dia a dia do educando.

É necessário que o docente conheça, primeiramente, o instrumento de trabalho disponível na escola para que o papel de mediador da aprendizagem seja desempenhado de forma eficaz no desenvolvimento das habilidades e competências do aluno. O livro didático atende a maior parte dos conteúdos exigidos para a disciplina Geografia, carecendo ao professor acrescentar mais informações a fim de tornar o ensino mais atraente e mais dinâmico.

O livro adotado pela escola apresentava uma estrutura adequada para o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula. Mesmo assim, o professor de Geografia tem que procurar outras fontes didáticas informativas como sites, revistas, jornais e leituras de outros livros, para dar as aulas de forma autônoma.

No começo do ano, o professor deve analisar o livro adotado pela escola para destacar os conteúdos considerados importantes para ajudar os discentes no processo de ensino-aprendizagem. É muito importante que o professor esteja convicto de que o que foi selecionado corresponda à realidade do interessado pela informação. Em muitos casos, é necessário ultrapassar os limites do livro, trazendo para a sala novos textos que busquem atrativos para o conhecimento do mundo.

O livro interfere no conhecimento dos saberes escolares, a concepção de determinado assunto obedece a determinadas regras subordinadas ao Ministério da Educação, além do planejamento escolar, tratando-se do currículo oficial. É um instrumento de muito valor para o ensino-aprendizagem, é um referencial relevante para a educação brasileira. Na sala de aula, o professor é o mediador dos conteúdos a serem ensinados em sala de aula e os alunos não podem ser considerados depósitos de informações.

O livro didático tem um papel destacado em quase todas as disciplinas e para que ele seja realmente eficiente deverá atender aos objetivos propostos pelo planejamento do professor com os conteúdos, pois para uma boa aula dependerá mais da condução da aula pelo professor do que apenas a utilização de um bom livro escolar. O material não garante de forma isolada a melhoria do desempenho do ensino e sim à disposição dos profissionais na busca de uma educação de qualidade.

Para tanto, é necessário a existência de um professor bem preparado com uma metodologia adequada para que o aluno realmente aprenda com a utilização de um material didático que tem um papel importante na aquisição de novas informações, com aprofundamento de novos conteúdos, apesar das vantagens e desvantagens da ferramenta. O livro por melhor que possa se apresentar, nunca vai conseguir abordar de modo contextualizado todos os assuntos trabalhados na disciplina, pois se deve buscar a inter-relação dos conteúdos ensinados com a realidade do educando.

A partir das abordagens descritas ao longo deste estudo, fica claro que os resultados são significativos, a partir das observações realizadas, como também em fazer parte por determinado tempo com o intuito de realizar um trabalho de pesquisa para atender aos critérios do referido curso. É importante destacar que, os momentos na escola pesquisada foram gratificantes pela maneira pela qual o acesso foi permitido.

Desta forma, salienta-se que este estudo é relevante a partir do conhecimento obtido, pois as abordagens estão de acordo com o tema em questão. Assim, será um estudo contínuo, já que as fontes de pesquisa são inesgotáveis, podendo servir de subsídios para o exercício da profissão, por isso, se torna um estudo de elevada significância.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins; SAMPAIO, Joana Jakeline Alcântara. **O livro didático de geografia e a construção do saber escolar**. Dissertação de mestrado. Universidade da Paraíba. João Pessoa, 2011.

AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de; SAMPAIO, Tiago Marques. O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO: perspectivas institucionais e adoção nas escolas públicas de Campina Grande-PB. **Revista Científica da FASETE 2015**. Disponível em: <https://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2015/9/o_livro_didatico_de_geografia_no_ensino_medio.pdf>. Acesso em 03 Jan. 2019.

BATISTA, Amanda Penalva. **Uma análise da relação professor e o livro didático**. Monografia de Graduação. Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2011. f. 65.

BORGES, Helena de Moraes; SILVA, Luan do Carmo. **Avaliação dos livros didáticos de geografia e a construção da cidadania**. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <<http://www2.unucseh.ueg.br/ceped/edipe/anais/vedipefinal/pdf/gt07/co%20grafica/Luan%20do%20Carmo%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em 04 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei Federal nº. 9.394, de 20.12.1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, MEC, 1998.

CAVALCANTE, Wedija Tenório; SILVA, Clarice Ferreira da. **Análise do livro didático, saberes docente na prática pedagógica dos professores de geografia da escola estadual prof.^a MargarezLacet: um estudo de caso qualitativo da docência no ensino básico**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2012.

COSTA, Maria Ivanúbia Lopes da; PAIVA, Rute Soares; SANTOS SOBRINHO, Djanni Martinho dos. O ensino e o uso do livro didático: relato de experiência em estágio supervisionado de geografia. **GEOtemas**. ISSN 2236-255X, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v 3, n. 1, p. 69-80, jan./jun., 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAJOLO, M. O. Livro didático: um quase manual de usuário. In. **Em Aberto: O livro didático e qualidade de ensino**. Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996.

MAGALHÃES, Justino Pereira. O manual escolar no quadro da História cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal. **Sísifo: Revista de Ciências da Educação**, 1, 2006.

MARTINS, Liziane; SANTOS, Vanessa dos Anjos dos. A importância do livro didático. **Revista Virtual**, v. 7, n. 1, p. 20-33. Salvador: Centro Universitário Jorge Amado, jan/dez 2011.



PINA, P. P. G. N. **Relação entre o ensino e o uso do livro didático de Geografia.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2009.

SANTOS, Cibele Mendes Curto dos. **O livro didático do ensino fundamental:** as escolhas do professor. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007. 236 f.

SILVA, Ezequiel Teodoro Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. In. **Em Aberto - O livro didático e qualidade de ensino.** Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

VIDAL, Cynthia dos Santos. **O processo de escolha dos livros didáticos, numa escola pública.** 2016. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Matemática, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.